

Revolução

1º COMUNICADO DO R.A.L. 1

Comunicado de todos os soldados, sargentos e oficiais do R.A.L. 1
Camaradas soldados, operários e camponeses, o ataque que o RAL 1 hoje sofreu demonstra a todos que os fascistas que até aqui têm sido tratados com panos quentes continuam vivos e activos à espera da primeira oportunidade para esmagarem a classe operária.

Porquê um ataque ao RAL 1?

Porque os soldados do RAL 1 sabem bem que os seus inimigos são os capitalistas e fascistas que nos têm oprimido e cada vez que vão para a rua sabem que só têm um papel a desempenhar quer os senhores generais gostem ou não: DEFENDER OS OPERÁRIOS E COMBATER TODOS OS REACCIONÁRIOS.

Por isso o RAL 1 e todos aqueles que defendem o povo têm as espingardas fascistas apontadas sobre si.

Mas isso, camaradas, não nos atemoriza. Nós os militares do RAL 1 contamos convosco e mais uma vez vos garantimos que estamos do vosso lado.

Para aqueles que vieram semear sangue entre nós só nos resta exigir o seu FUZILAMENTO IMEDIATO

CAMARADAS O POVO ARMADO JAMAIS SERÁ VENCIDO.
ORGANIZEMO-NOS E ESMAGUEMOS TODOS OS FASCISTAS.
MORTE AO FASCISMO. MORTE AO CAPITALISMO.

FUZILAMENTO JÁ. FUZILAMENTO JÁ. FUZILAMENTO JÁ.
MORTE AO FASCISMO. JUSTIÇA POPULAR.

Os militares do RAL 1 vítimas hoje do atentado fascista.
RAL 1, 11/3/75

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

EDUARDO PEREIRA PINTO & FILHOS

Face ao boicote económico e à tentativa de falência os trabalhadores da firma Eduardo Pereira Pinto & Filhos, no Porto, decidiram, há algumas semanas, tomar a gerência desta nas suas mãos, transformando-a em Cooperativa.

No sentido de divulgar mais uma luta da classe operária contra o capitalismo, "Revolução" falou com a Comissão de Trabalhadores, que começou por explicar a origem da luta:

— Há cerca de um ano e meio que os patrões resolveram fazer uma fusão com a firma Topim. Desde então, começamos a desconfiar de tal manobra, pois sabíamos que os donos das duas firmas eram primos e que queriam, acima de tudo, desviar as matérias-primas e as máquinas para a outra firma, colocando os 130 trabalhadores no desemprego. Conscientes do perigo que corríamos, resolvemos fazer frente ao patronato na tentativa de esclarecer a situação. Por outro lado, os salários não eram pagos desde Maio e o Contrato Colectivo de Trabalho nunca foi cumprido.

Há algumas semanas os patrões disseram-nos que iam abrir falência, pois a firma estava em má situação económica e não podia sobreviver. Claro que tudo isto foi preparado, e disso temos nós a certeza. Todo o capital que havia foi desviado antecipadamente para Topim, mas nós não permitimos que o boicote passasse daí. Quando os patrões nos deram a notícia da falência, resolvemos imediatamente tomar conta da firma e começar a geri-la.

REV. — Como estão organizados?

— Há cerca de dois meses foi eleita em Assembleia Geral uma Comissão de Trabalhadores, pois vimos que havia necessidade de estarmos organizados nesta luta, que já vem desde há um ano e meio. Todas as decisões são tomadas em Assembleia Geral de Trabalhadores e reunimo-nos frequentemente para resolver os nossos problemas.

REV. — Têm tido algum apoio exterior?

— Há na firma três sindicatos que nos apoiam totalmente mas é nas Assembleias Gerais que tudo se decide. Não estamos a ser guiados por ninguém. A luta é dos trabalhadores é independente e autónoma. Fomos nós que a começámos e iremos até ao fim.

— Não desprezamos as ajudas exteriores que nos possam dar, pois agora, mais do que nunca, precisamos de estar cada vez mais conscientes e esclarecidos quanto às posições a tomar. Só não queremos que com esses auxílios alguém tente reivindicar ou tentar transformar a nossa luta em questões partidárias, pois isso só separa os trabalhadores colocando-os uns contra os outros.

REV. — Como nasceu a ideia de formarem uma Cooperativa?

— Logo rúe os patrões apresentaram a falência da firma, nós chegámos à conclusão de que éramos capazes de a gerir normalmente sem patrões. Eles foram embora porque já estavam bem governados e não porque os lucros fossem maus ou porque a firma não laborasse. Claro que os patrões não precisam disto para nada nem nós precisamos deles. Temos a certeza de que conseguiremos viver sem eles e isso tem-se provado, pois temos continuado a trabalhar normalmente, não chegando a haver paralisações. Tudo o que está aqui dentro é nosso e nem permitiremos que o Ministério do Trabalho nos venha selar as máquinas. O único problema é a falta de dinheiro para pagar os salários aos fornecedores mas vamos tentando resolvê-lo com empréstimos que fizemos aos bancos. A partir de agora os lucros serão divididos equitativamente por todos os trabalhadores porque, por enquanto, o dinheiro é muito pouco. Quando a situação económica se normalizar estabeleceremos uma escala de salários onde as diferenças serão mínimas.

REV. — Pensam que poderão assegurar os circuitos de comercialização de forma a que a firma possa sobreviver?

— Quanto à importação de matérias primas, não temos tido problemas, pois continuamos a recebê-las normalmente. Sabemos que os patrões andam a tentar boicotar o mercado. Há um ou dois clientes que deixaram de fazer encomendas. Contra isso temos de estar preparados e há necessidade de actuar urgentemente. Já pensamos em contactar com as Comissões de Trabalhadores ligadas aos têxteis assim como com os sindicatos relacionados com o mesmo ramo, de forma a assegurar o escoamento dos produtos. Só assim poderemos continuar a luta até ao fim.

À CLASSE OPERÁRIA E A TODOS OS TRABALHADORES DA TAP

1 — As lutas que nós, trabalhadores da TAP, travamos antes e depois do 25 de Abril e que assumiram por vezes formas superiores, representaram passos importantes no sentido da consciencialização e organização das classes trabalhadoras.

Mas há que avançar, dar às nossas lutas uma correcta perspectiva política, enquadrá-las numa estratégia global da luta de classes, na luta de classe do proletariado.

Para tal, um grupo de trabalhadores da TAP, na sua maioria operário decidiu organizar uma comissão política para análise da situação na empresa e intervenção a vários níveis de luta. Trata-se do CORT (Comité de Organização Revolucionária na TAP) constituído por militantes com e sem partido.

2 — O CORT pretende fomentar na TAP a organização autónoma da classe, isto é, pretende a organização dos trabalhadores no local de trabalho para a luta anticapitalista, mas sem que esta organização seja controlada por partidos políticos.

3 — O CORT luta pelo estabelecimento do poder dos trabalhadores com a classe operária na vanguarda, rejeitando, portanto, toda a política de conciliação de classes.

4 — O CORT considera que para se estabelecer o poder dos trabalhadores isto é, a ditadura do proletariado, a verdadeira democracia proletária, a classe operária e os militantes revolucionários terão que recorrer a vários meios, inclusivé o da violência.

5 — Face à actual situação de profunda crise económica, política e social do capitalismo em Portugal, o CORT propõe-se lutar decididamente por uma rápida organização da classe operária e dos militantes revolucionários a todos os níveis no sentido da construção duma alternativa revolucionária ao capitalismo.

6 — Consideramos que neste momento é justo lutarmos por questões correctas tais como saneamento, apuramento dos responsáveis de Julho de 73, eliminação de horas extraordinárias, fiscalização de actos de sabotagem económica, não aos despedimentos.

7 — Neste contexto, há que lutar fortemente contra todas as manobras da burguesia e seus agentes. Por exemplo, o chamado Plano Económico de Transição nada é mais do que um plano de salvação do capital, plano que se enquadra no conjunto de manobras que a burguesia e os seus lacaios empregaram para enganar as classes trabalhadoras. São também exemplo desta, cada um à sua maneira, dois comunicados recentemente distribuídos na TAP a propósito da criação da Comissão de Trabalhadores e assinados por dois partidos da burguesia: MDP-CDE e PS.

8 — Mas, apesar de todas as dificuldades e contra todas as manobras, a classe operária saberá organizar-se e travar as lutas decisivas que hão-de conduzir à destruição do poder da burguesia e à construção de um novo poder.

CORT (Comité de Organização Revolucionária na TAP)

Sedes

LISBOA — Jornal "Revolução"
R. Arco do Carvalho, 1, 5.º Dto. — Tel. 68 2323

Sede Central do Partido
Rua Castilho, 70 — Tel. 68 09 60

PORTO — Rotunda da Bonvista, 76, 3.º Esq.
Tel. 69 5080

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21 Tel. 24998

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedrosa, 15
Algés de Cima

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 D e C

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, n.º 6

MARINHA GRANDE — Av. 1.º de Maio, 35-37

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz
Rua Jorge de Sousa

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 32-34

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1

SOVIETES PARTIDO

E DITADURA DO PROLETARIADO

TODO O PODER AOS SOVIETES foi a palavra de ordem que galvanizou todos os explorados da Rússia do princípio do século, no sentido da sua tomada violenta do poder, para a construção do Socialismo e do Comunismo.

O que é, afinal o Soviete? Esta expressão russa significa literalmente Conselho, e foi sob a forma de conselhos de operários, camponeses e soldados que se criou o poder do proletariado, arrebatando à burguesia o seu Estado.

No entanto, esta forma organizativa de base de todos os produtores não surge por acaso. A Grande Revolução Francesa é uma revolução soviética, onde a Federação de 44 000 comunas opôs a democracia directa à caricatura burguesa de democracia: o Parlamentarismo. São de tipo soviético, as Comunas de Paris de 1793 e 1871, a Comuna de Petrogrado de 1905, a Comuna de Berlim de 1919, as Repúblicas Soviéticas da Baviera e da Hungria, proclamadas após a Guerra Imperialista de 1914-1918. É soviético o sistema implantado na Rússia em 1917, antes da degeneração burocrática, iniciada e desenvolvida nas décadas seguintes.

O proletariado organizado em soviets de empresa e de bairro, em comissões eleitas e revogáveis pelas bases, arrebatará o poder à Burguesia, exercendo sobre esta a sua Ditadura, até ao desaparecimento total das classes, ou seja, o Comunismo. Para o exercício dessa Ditadura, são necessárias certas medidas, que foram expostas por LENINE em Setembro de 1917 («Catástrofe eminente e os modos de a conjurar»):

- Nacionalização dos bancos e das grandes empresas
- Trustificação obrigatória das pequenas empresas
- Criação de monopólios do Estado
- Abolição do segredo comercial
- Regulamentação do consumo.

Tudo isto sob controlo operário. «O controlo operário pode tornar-se a contabilidade mais exacta, mais minuciosa, omnipresente, abrangendo a totalidade da economia nacional, da produção e da distribuição dos produtos» (LENINE).

É, pois, necessário criar a todos os níveis da produção, comissões proletárias pois enquanto durar o modo de produção capitalista, «os

capitalistas não-de tentar enganar o estado, que disso os impedirá por meio do controlo operário. Essa inspecção só será eficaz se for exercida em cada fábrica. O controlo será, pois, efectuado pelos COMITÉS DE FÁBRICA» (LENINE).

Os Comitês Operários na Rússia de 1917, criados para reinvidicações perante o patronato, entre Fevereiro e Outubro, passaram após a tomada do poder pelo proletariado a ter o direito de representar os operários nas suas negociações com o patronato e o governo.

Os comités exerceram a sua influência sobre as direcções das fábricas, das quais em muitos casos, se apropriaram.

Cumpria-se a 8ª Tese de Abril, de Lenine:

«Os soviets de delegados operários devem controlar a produção e a distribuição social dos produtos».

Toda a legislação revolucionária após Outubro de 1917, foi de modo a institucionalizar o poder de decisão da organização autónoma do proletariado: o Soviete.

Do Decreto de 4/11/1917:

— Art.º 2.º: O controlo é exercido por todos os operários da fábrica por meio dos seus órgãos eleitos.

— Art.º 7.º: Toda a correspondência comercial é submetida ao controlo. É abolido o segredo comercial. Os proprietários devem apresentar aos órgãos de controlo todos os livros e relatórios do ano em curso, assim como dos anos precedentes.

Em 1918, no 1.º Congresso Pan-Russo dos Sindicatos, estabeleceu-se que os comités de fábrica e de oficina devem tornar-se órgãos locais dos sindicatos correspondentes.

Este controlo exercido por proletários eleitos por outros proletários, no local de trabalho, por serem da sua confiança e não por pertencerem a este ou aquele partido, vem a perder a sua autonomia, pois cair sob a alçada directa dos Sindicatos, controlados pela máquina burocrática do Partido Bolchevique. A burocratização do Partido transformaria a Ditadura do Proletariado numa ditadura sobre o proletariado.

Várias causas têm sido apontadas para justificar a degeneração

do poder soviético, na U. R. S. S., algumas directamente relacionadas com o poder dos funcionários, saídos da Revolução:

- O estado atrasado do país e da sua indústria
- A imensidade do território
- A multiplicidade das raças
- O analfabetismo das massas
- A falta de mão-de-obra qualificada
- O número diminuto de operários, em relação à classe camponesa
- Afluência incessante no proletariado industrial de mujiks sem consciência de classe e educação política
- Dispersão do proletariado, devida à Guerra Civil
- O autoritarismo dos Bolcheviques
- O comunismo de Guerra.

Poder-se-á apresentar algumas alternativas à burocratização? Adiantaremos alguns pontos:

— A garantia da conservação do poder dos Sovietes e estes estarem armados e não descansarem sobre os efeitos da batalha ganha sobre a Burguesia — VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA. Evitar a ameaça duma ofensiva da burguesia, e também de uma burocracia que surgindo do seu próprio seio tenderá a arrebatá-la à classe operária, o poder, por ela conquistado. Mesmo nos grandes estados, as comunas operárias podem exercer a sua soberania por delegação aos escalões superiores.

— Controlo dos mandatários pelas bases a todos os níveis: Conselhos regionais ou nacionais; devem ser consentidos (os mandatários) por um breve período, ser revogáveis a cada instante e prestar contas às instâncias que lhes confiaram o mandato.

— O salário dos delegados não deve ultrapassar o de um operário qualificado.

— Em cada escalão da pirâmide do poder, os conselhos deverão receber a crítica das delegações dos conselhos de base.

— Os organismos executivos supremos serão postos sobre controlo directo e imediato dos trabalhadores armados.

— Educação rápida dos trabalhadores, política, económica e técnica.

Para a classe operária é uma questão de vida ou de morte adquirir os conhecimentos de que a Burguesia deteve ilegítimamente o monopólio.

As massas precisam de pôr fim à opressão do homem pelo homem, nos planos económico e administrativo, a supressão do patronato e do salariado.

A organização autónoma da classe não pode estar submetida a qualquer força que lhe seja externa, partido ou governo.

«A ditadura do proletariado deve ser obra da classe e não de uma pequena minoria dirigente em nome da classe» (ROSA LUXEMBURGO).

«O proletariado, é a única classe revolucionária até às últimas consequências, a única classe capaz de unir todos os trabalhadores e todos os explorados na luta contra a burguesia e de a afastar completamente do poder, tomar o seu estado. A passagem do capitalismo para o comunismo não pode evidentemente deixar de fornecer uma grande abundância e uma larga diversidade de formas políticas, mas a sua essência será também necessariamente apenas uma: a ditadura do proletariado». (Lenine: «O Estado e a Revolução»).

Serão, pois, os operários que: — Organizarão a grande produção

— Usarão uma disciplina de ferro, mantida pelo poder do Estado de operários armados

— Reduzirão o funcionalismo público ao papel de agentes das suas directrizes, amovíveis e modestamente retribuídos.

A Ditadura do Proletariado, exercida pela sua organização autónoma, o Soviete não implica a abolição da democracia. Pelo contrário: o Estado de Sovietes de deputados de operários e soldados é o estado verdadeiramente democrático.

Uma ditadura de Partido é incompatível com uma democracia de Conselhos; «os conselhos são a expressão da Revolução, os organismos por ela criados, os instrumentos da sua vitória» (KARL MARX).

«Os Conselhos das organizações profissionais livremente eleitos substituirão os governos actuais e esta representação de trabalhadores substituirá para sempre todos os outros velhos sistemas políticos do passado» (Deliberação do Congresso de Basileia, 1869).

Ainda sobre o combate à Burguesia e à burocracia, escrevia o dirigente operário ANTON PANNEKOEK, no seu livro «Acção de massas e a Revolução»:

«Barrar o caminho à burguesia e à degeneração burocrática das organizações operárias são as tarefas do proletariado. Organizando-se a maioria de explorados demonstrar-se à sua superioridade, destruindo a organização da minoria dominante.»

O Socialismo só se construído pelo exercício da democracia dos trabalhadores, sempre vigilantes e respondendo com a violência revolucionária às tentativas da reacção burguesa, organizada para sabotar a Revolução.

Se não existir essa democracia, outra ordem social poderá ser construída, mas não será o Socialismo. A este respeito escrevia em Abril de 1918, OSINSKY:

«Somos pela construção de uma sociedade proletária, pela criatividade da própria classe dos produtores. Possuímos como ponto de partida a nossa confiança no instinto da classe e na iniciativa e actividade da classe proletária. Se o próprio proletariado não sabe criar as condições necessárias para uma organização socialista do trabalho, ninguém o pode fazer em seu lugar. O Socialismo e a organização socialista devem ser definidas pelo próprio proletariado, ou em seu lugar aparecerá o capitalismo de estado».

Esta advertência à classe sobre os perigos de ser substituída por burocracias partidárias no exercício da sua Ditadura, é posta por ROSA LUXEMBURGO, na obra «A Revolução Russa»:

«Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem livre luta entre as opiniões, a actividade em todas as instituições políticas, torna-se uma actividade aparente, onde a burocracia fica a ser o único elemento activo». Compete ao proletariado, aos revolucionários, aos Comunistas controlarem não só a produção, como as suas organizações de classe: soviets, partidos, sindicatos, governo, lutando contra o dirigismo e «a burocracia, negação directa da actividade autónoma das massas» (ALEXANDRA KOLLONTAI).

Pensamos que não é por intermédio de eleições parlamentares burguesas que a conquista do poder pelo proletariado terá lugar. É pela sua organização autónoma, em soviets de empresa e de bairro, pelo seu armamento, pela existência de um partido que lhe dê uma perspectiva global das lutas a travar, definindo a estratégia e a tática de conjunto para cada momento. Esse partido revolucionário será o punhado de militantes capazes de resistir e de continuar, nos momentos de refluxo, nos momentos das vagas de repressão.

Acreditar na validade das eleições burguesas é pôr o proletariado a reboque de uma legalidade que não construiu, é repetir o que nos disse KARL MARX:

«Autoriza-se os oprimidos a decidir periodicamente para um certo número de anos, qual será, de entre os representantes da classe dos opressores, aquele que os representará e calcará aos pés no Parlamento».

QUE ELEIÇÕES E PA

Vezes sem conta se têm feito referências ao desfasamento existente, desde o 25 de Abril, entre o poder político e o poder económico. A pouco e pouco a observação vai sendo ratificada por um cada vez mais largo leque de forças ou fracções de forças. A expressão ganha hoje uma nova dimensão porque uma das partes, pela boca de Costa Gomes, disparou um dos vários (últimos) cartuchos de que dispõe: as eleições como forma de reajustar o político ao económico.

Tornando-se claro aos olhos de todos que a coligação envolvendo o PC, o PS e o PPD não irá longe, cada qual procura, à sua maneira, abrir caminho para uma outra realidade económica social e política. Para uns, a solução é mesmo fazer eleições, "auscultar o povo", e lá terão as suas razões...! Pretendem, aproveitando-se do facto de permanecer intacto o sistema de relações de produção (capitalista), que seja definitivamente capitalista o poder político.

FASCISTAS DE ONTEM, DEMOCRATAS DE HOJE

Apresentam-se os mais acérrimos defensores das futuras eleições de Abril como sendo os mais intransigentes defensores da

"vontade do povo". Curiosamente, trata-se de partidos que contam hoje nas suas fileiras com elementos da Assembleia Nacional fascista, ou elementos ostensivamente fascistas, uns revelados antes, outros depois do 25 de Abril. Miller Guerra (PSP), Magalhães Mota (PPD), Sá Carneiro (PPD) e Pinto Balsemão (PPD) estão no primeiro caso. Efectivamente, foi em nome da "vontade popular" que se fizeram candidatar e eleger em 1969; e foi com ar arrogante que invocaram o resultado da "votação popular" para assegurar arraiais em S. Bento!

Hoje como ontem, aí os temos como cabeças de cartaz. Hoje como ontem aí estão para participar em novas eleições "livres". Hoje como ontem, eles se prestam para, se necessário em nome dos trabalhadores, defenderem da melhor maneira os interesses do Capital.

A comprovar o que acabamos de dizer, estão o CDS e o PDC, cada qual concorrendo entre si a ver qual deles consegue o recrutamento e a participação de maior número de fascistas. Menos bem camuflados do que o PPD e o PSP, a verdade é que o CDS e o PDC são, para os primeiros, o complemento

necessário, a(s) força(s) capaz(es) de arregimentar um forte núcleo de fascistas com grande capacidade actuante.

Não queremos com isto dizer que o PS seja fascista. Não o é. Mas a verdade é que, na actual situação, o PS está irremediavelmente colocado do lado de lá da trincheira: o anticomunismo. E é nessa medida que, por força da dinâmica do processo, aparece como aliado objectivo do fascismo. Mas o melhor, e para que não nos acusem de utilizarmos a demagogia, é darmos a palavra ao fascista Sanches Osório: "...A primeira denúncia (de pseudomanobras a que estaria sujeito o "povo português") foi feita pelo Partido Socialista, a quem todos nós devemos estar agradecidos" — palavras proferidas num comício do PDC em Cascais e que mereceram do público (fascista) entusiástica salva de palmas.

PPD, PSP, CDS e PDC são unânimes em dois pontos: para eles a tarefa de momento são as eleições e o M.F.A. deve limitar-se, após o acto eleitoral, a um papel meramente passivo.

Percebe-se o porquê desta coincidência: tratando-se de partidos burgueses (mais ou menos abertamente reacçãoários) e como defensores que são do capital, aproveitam-se das estruturas socio-económicas capitalistas para fazer marcha atrás com o processo político iniciado em 25 de Abril e em 28 de Setembro: consolidar a democracia burguesa à custa de um acentuar dum autoritarismo repressivo que fosse capaz de conter a capacidade de luta das classes trabalhadoras.

Mas é pelo facto de não ser hoje possível, em Portugal, existir capitalismo sem que isso implique o fascismo (vidé 28 de Setembro) que o PS faz, objectivamente, o jogo dos fascistas. Efectivamente, o grau de desenvolvimento industrial, a considerável acumulação e concentração de capitais aqui existente e ainda a capacidade de luta e organização das classes trabalhadoras, são, dada a crise económica factores que não possibilitam ao Capital sobreviver e controlar o poder por outra forma que não seja o fascismo, desta vez mais sangrento que no próprio Chile pós-Allende.

O PC ENTRE DOIS FOGOS

Deste mesmo "erro", aliás, enferma o PCP. Alvaro Cunhal, em comício recentemente realizado em Sacavém, afirmou, por um lado, "ser totalmente inviável, na situação actual do nosso país, a criação de uma democracia-burguesa do tipo ocidental", e por outro lado, vivermos "uma fase da revolução portuguesa que desejamos que conduza ao socialismo, mas

que não é ainda a Revolução Socialista".

Se não é possível a democracia-burguesa, se não estamos na fase da Revolução Socialista, qual é então a fase actual? Qualquer coisa que Cunhal não foi capaz (pudera) de definir com clareza. Uma "qualquer coisa" que, sendo nada, serve de justificação a um PC eleitoralista e reformista para eventualmente concorrer às anti-revolucionárias eleições de Abril milhaves e milhares de trabalhadores daquilo que deveria constituir a grande estratégia do momento: a Revolução Socialista.

Mas o PC não pode denunciar abertamente as eleições, porque o contrário seria optar pela Revolução Socialista e por via anti-reformista, o que implicaria o impossível: uma viragem à esquerda com todas as suas consequências, interna (do PC) e externamente. É o carácter pequeno-burguês da direcção (e não só) do PC que o leva a posições conservadoras e contra-revolucionárias como seja a eventual aceitação da panaceia eleitoral, mesmo, como é o caso, que o PC saiba de antemão que vai sofrer forte derrota. Mas o PC sente que o terreno lhe escapa, porquanto os trabalhadores e os revolucionários não se deixam amordaçar por um velho e deslocado estalinismo. Isto coloca a direcção do PC entre um fogo cruzado que a obriga a fazer equilíbrio na corda bamba, isto é, a ser e a não ser simultaneamente pequeno-burguesa e revolucionária. Pequeno-burguesa de facto e revolucionária de fachada pode muito bem ser a solução; o que, neste momento, pode significar um pacifismo de fachada a esconder todo o tipo de manobras, mesmo violentas, desde que tais manobras (o que é mais fácil na teoria do que na aplicação) tendam a preservar o monopólio futuro do poder, ponto de partida para um futuro burocratismo ultracapulista, se necessário passando por novos julgamentos de Moscovo.

Não são o MDP-CDE, o MES e a FSP quem poderá atenuar significativamente a derrota que o PC, caso concorra às eleições virá sofrer, tanto mais que o MES e a FSP são em parte concorrentes do PC na caça ao voto nas zonas industriais. Restará um insípido e folclórico MDP-CDE, de facto a ala eleitoral do PC nos meios económica e culturalmente menos desenvolvidos, mas também ele votado ao mesmo fracasso que o partido-mãe.

Diz-se-ia, se a ironia nos é permitida, que a concorrerem às eleições, os reformistas conservam hoje o mesmo masoquismo que os levou no passado (69 e 73) a humildantes e politicamente nega-

tivas derrotas. Isto, para já não falar num Chile bem recente...

O OPORTUNISMO ESQUERDISTA E AS ELEIÇÕES

Tiveram ao menos as eleições o mérito de aclarar posições. Claro ficou já quem é capaz de uma análise científica da realidade e quem é ou não é intransigente defensor dos interesses do proletariado e da Revolução Socialista.

Assim, aí temos a quase totalidade das organizações tidas como revolucionárias a correrem a legalizarem-se (quando até o primeiro-ministro fala de excessos de legalismo) e a prepararem-se, também eles, para participarem no bailado eleitoral. E, escusado será dizê-lo, fazem-no com a justificação de que com isso pretendem "denunciar as eleições burguesas"...

No fundo, todas abdham de uma tática (em muitos casos estratégia) revolucionária, deixando-se arrastar para um terreno de luta que é o das direitas. Serão os meninos regulas do acto eleitoral, tão necessário à burguesia para que as eleições burguesas adquiram o ar de "democráticas".

MFA: MOVIMENTO OU IMPASSE?

São do conhecimento geral as grandes discussões geradas pelas eleições no seio do MFA. E se neste momento ainda não é do nosso conhecimento (sê-lo-á de alguém?) a posição definitiva do MFA, uma coisa se pode adiantar: é que, ao conseguirem a realização das eleições nas actuais condições, a sua ala direita conseguiu importante vitória. É verdade que a institucionalização do MFA pode atenuar consideravelmente essa vitória, mas não conseguirá nunca anulá-la, já que PS, PPD, PDC e CDS se preparam para, arrogando-se representantes eleitos pelo "povo", acusar de militarista e antidemocrática uma forte influência e intervenção futura do MFA.

Se já hoje o PDC, arrogando-se a representatividade de todos os cristãos, invoca a maioria cristã da população portuguesa para se declarar no direito de participar no governo, como se poderá pensar que amanhã, caucionadas pelo voto as direitas não explorarão ao máximo essa caução para atingirem o que com Palma Carlos e em 28 de Setembro não conseguiram? Mais, servir-se-ão dessa caução para acusarem de

não às eleições
sim à revolução
socialista

o proletariado perante
a crise do capitalismo

PRP.BR

partido
revolucionário do proletariado
brigadas revolucionárias

grande
comício

campo pequeno
dia 15 de março sábado às 21.30h

RA QUEM?

antidemocrático todo aquele que se lhes tente opor, seja o MFA, seja outro(s) e com isso mobilizarão civis e militares para o seu golpe.

Se a preocupação que levou o MFA a permitir a realização de eleições foi o simples cumprimento de uma promessa feita em 25 de Abril, então perguntamos: o que de essencial foi permitido foi a realização de eleições ou a garantia da realização de um processo que, no dizer de muitos, é socializante? É que, sendo como o são hoje, incompatíveis, há que fazer uma opção...! Será que o MFA optou, neste quadro, pelas eleições?!

Há quem considere que se trata de uma questão de ordem tática motivada pelo pressentimento de que um adiamento das eleições levaria a uma ruptura. Ora isto obriga-nos à formulação de duas outras perguntas:

— Haverá alguma garantia ou alguém que possa garantir que a campanha eleitoral não irá ser motivo de grandes choques, quíça de ruptura?

— Será possível dar continuidade ao processo de democratização sem que haja uma ruptura entre as partes (leia-se classes) de interesses antagónicos e irreconciliáveis?

A resposta é, evidentemente, NÃO. A luta eleitoral pode ser o detonador que fará rebentar toda a série de tensões existentes e já hoje mal contidas e não resolve, uma pontinha que seja, o problema das contradições deste tipo de sociedade. Pelo contrário, as eleições virão pôr a nu todas essas contradições, e por esse motivo obrigam à ruptura inevitável, favorecendo então as direitas que se encontram reforçadas pela "legitimidade" que o voto "muito bem votado" lhes concede.

INSTITUCIONALIZAÇÃO: GATO ESCONDIDO COM RABO DE FORA

Voltar as costas a esta realidade é, no caso do MFA não assumir a responsabilidade que lhe cabe é, no mínimo, lavar as mãos à boa maneira de Pilatos. Por muito que se institucionalize e bem...

Não é, no entanto, fácil institucionalizar bem quando se cava um fosso entre o civil e o militar, como o pretende o PC o PS e o PPD, cada qual à sua maneira. Os militares não podem ser o simples garante físico de um processo político, seja ele qual for. Essa é a melhor maneira, aliás, para recolocar as E. A. na posição em que estavam, face ao poder político, antes do 25 de Abril. Não basta ao MFA dizer que está deste ou daquele lado, até porque, por via da sua heterogeneidade, acaba

por estar de todos os lados, o que é uma forma de não estar de nenhum lado. Há que procurar, isso sim, é uma forma que conduza à total integração do militar no político e do político no militar. Por outras palavras, os militares têm de ser cada vez mais civis e estes cada vez mais militares. Faltará então saber o carácter e o conteúdo desta interpenetração que tem que ser rápida sob pena de fazermos marcha atrás, por que se os militares progressistas não estão ainda integrados na parte civil de que se dizem aliados, a verdade é que os militares reaccionários já o estão, e desde há muitos anos.

AS ELEIÇÕES DE ABRIL SÃO UMA ARMA FASCIZANTE

As eleições são, em sistema capitalista, a maneira que o capital tem de se conseguir representatividade e de desviar o proletariado para um terreno de luta que lhe é inteiramente desfavorável. Com efeito, não pode haver eleições livres para os trabalhadores em sistema capitalista, pelo simples facto de o capital, através do seu poder económico e da sua posição social, utilizar métodos opressivos que, pelo facto de serem subtis, nem por isso deixam de ser terrivelmente eficazes.

Não há eleições livres para os trabalhadores quando a quase totalidade dos grandes meios de comunicação são propriedade dos capitalistas; quando os capitalistas dispõem de somas fabulosas utilizadas na propaganda; quando o patrão, pelo simples facto de ser patrão, exerce uma terrível influência sobre os seus empregados; quando os caciques da terra (professores, médicos, advogados, padres, etc.) exercem sobre aqueles com quem contactam amígdala pesada influência; quando os burgueses dispõem dos bons meios de deslocação e comunicação; quando os burgueses dispõem de todo o tempo livre que entenderem necessário, etc., etc., etc.

Nestes termos, a concorrência às eleições é tremendamente desvantajosa para os trabalhadores. Falar, portanto, de "eleições livres" é uma verdade se se acrescentar "para a burguesia". Não são livres longe disso, para os trabalhadores. Elas apenas serão livres para os trabalhadores quando as estruturas desta sociedade derem lugar a estruturas radicalmente diferentes. Isto implica que se "socialize primeiro e se vote depois", e não, ao contrário do que pretendem os Soares Carneiros, Osório e Champalimauds, "vote agora e democratize depois".

Admitimos, ao contrário do que muitos pensam, que pode ser justo

concorrer às eleições em sistema de democracia burguesa, desde que tal participação não ponha em causa uma estratégia anti-reformista. Concorrer às eleições seria então uma maneira de com mais facilidade chegar junto das grandes massas, uma maneira de ganhar terreno ao inimigo de classe, uma forma de denunciar o sistema, mesmo no que respeita às próprias eleições burguesas. Não deverão em caso algum, ser vistas como um meio ou uma via para libertar os trabalhadores da opressão e da exploração a que estão sujeitos.

A burguesia nunca prescindirá a bem dos seus privilégios de classe, nunca se submeterá pacificamente ao simples resultado de umas eleições. Recorrerá então aos meios julgados necessários, violará as suas próprias leis e, se de outra forma mais subtil lhe não conseguir chegar, recorrerá à força das armas. O Chile, e, para os mais esquecidos o 28 de Setembro aí estão a comprovar tudo quanto ficou dito.

Acontece, entretanto, que estas eleições não são uma daquelas eleições mais ou menos rotineiras e cíclicas que acontecem em democracia burguesa. Não se trata de eleições através das quais a burguesia renova os seus quadros através de uma votação popular forçada, mas trata-se de eleições que, no actual contexto, são a forma através da qual o capital e a reacção vão recuperar o terreno conquistado pelos trabalhadores. As eleições de Abril não serão o artifício através do qual o Capital renovará os seus quadros, mas o processo pelo qual recuperará o seu poder.

UMA SÓ VIA —SOCIALIZAR EM VEZ DE VOTAR

Esta é a razão porque nos batemos intransigentemente contra a simples realização das eleições. Esta é a razão pela qual não participamos nas eleições. Participar seria, por si só, caucionar um acto profundamente contra-revolucionário, porquanto a realizarem-se, as eleições serão o primeiro acto de legitimação do candidato a futuro Pinochet português.

Perder tempo, meios e energias numa campanha eleitoral é, para além de desviar os trabalhadores da única via através da qual se poderão libertar, uma forma de se perder definitivamente o barco, sobretudo no momento em que as próprias direitas consideram como primordial a sua preparação para o confronto que não tardará.

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

- ACABAR COM A SOCIEDADE CAPITALISTA
- ACABAR COM A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM
- LUTAR CONTRA O COLONIALISMO E NEO-COLONIALISMO

- LUTAR CONTRA O IMPERIALISMO NA PERSPECTIVA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO
- ORGANIZAR OS TRABALHADORES PARA A TOMADA DO PODER
- A TOMADA DO PODER PELOS TRABALHADORES É SEMPRE PELA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

- O PROLETARIADO NO PODER É A DITADURA DO PROLETARIADO
- A DITADURA DO PROLETARIADO NÃO É A DITADURA DE UM PARTIDO OU DE UM GRUPO, É A DITADURA DA CLASSE QUE É UMA FORMA SUPERIOR DE DEMOCRACIA

- A DITADURA DA CLASSE TEM DE SER EXERCIDA POR ESTRUTURAS ELEITAS PELA CLASSE
- ESSAS ESTRUTURAS SÃO AS COMISSÕES DE TRABALHADORES ELEITAS EM ASSEMBLEIA E REVOLUCIONÁRIAS A TODO O MOMENTO

- ASSEMBLEIAS DE TRABALHADORES, COMISSÕES DE TRABALHADORES, DELEGADOS DE COMISSÕES SÃO A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES
- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA É A ÚNICA REPRESENTANTE LEGÍTIMA DOS TRABALHADORES
- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES É QUE EXERCERÁ A DITADURA DO PROLETARIADO

- CABE AO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO A ANÁLISE POLÍTICA DA SITUAÇÃO CONCRETA, DE ACORDO COM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA GLOBAL
- CABE AOS MILITANTES ESTIMULAR A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA, LUTAR DENTRO DELA POR UMA LINHA JUSTA; PROPAGANDEAR A PERSPECTIVA REVOLUCIONÁRIA, RECRUTAR NOVOS MILITANTES
- NA SITUAÇÃO ECONÓMICA, SOCIAL E POLÍTICA ACTUAL SÓ HÁ UMA SAÍDA PARA OPOR AO FASCISMO E AO CAPITALISMO — A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

A Revolução Socialista, têmo-lo dito, está na ordem do dia. As eleições podem vir a ser, caso os trabalhadores se deixem envolver numa estéril e demagógica luta entre listas e promessas (prometer é fácil e traz voto consigo), o bre o 28 de Setembro e instrumento de que se servirá o Capital para desfechar o seu golpe.

Por isso a tarefa é organizar na luta e para a luta, é preparar os revolucionários e os trabalhadores (fardados ou não) para conquistar todo o terreno possível à burguesia e à reacção, para imporem a sua legalidade, para alargarem e cimentarem o seu poder, para recuperar todos os meios possíveis.

A tarefa não é votar, a tarefa é ocupar casas e campos, é impor nacionalizações sem indemnização, é socializar as empresas e campos nacionalizados, é impor severo saneamento, é exigir a verdade sobre os meios para uma guerra cuja última batalha será o confronto decisivo.

- NÃO AS ELEIÇÕES
- PELA DITADURA DO PROLETARIADO
- PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
- PELO COMUNISMO

TEXAS — INSTRUMENTOS

Os oitocentos trabalhadores, aproximadamente, da empresa Texas-Instrumentos e Equipamento Electrónico (Portugal), Lda., instalada nos arredores da cidade do Porto há apenas cerca de 18 meses e ligada a uma companhia multinacional com base em Dallas (Estados Unidos) foram dos poucos que se mantiveram tranquilos perante os patrões nestes últimos tempos. Mas isto não quer dizer que estivessem livres dos inúmeros problemas da exploração capitalista.

A fábrica, com necessidade de mão-de-obra abundante (produz semicondutores), foi localizada na Maia, num ambiente de características ainda bastante rurais. Percebe-se o porquê (capitalista) desta escolha. Mais de metade dos oitocentos trabalhadores são mulheres, quase todas jovens. A idade média do conjunto oscila entre os quinze e os dezanove anos. Arruinando-se rapidamente os olhos, operários dos dois sexos trabalham ali ao microscópio no sector da produção, em jornadas de 9 horas ganhando aproximadamente o salário mínimo nacional. Os trabalhadores distribuíram-se por três turnos diários, facto que os divide bastante. As próprias refeições (meia hora) na cantina — acanhada e minúscula em comparação com os escritórios imensos e vazios — dissuadem contactos pessoais com interesse, além de que empena na fábrica, segundo uma opinião corrente entre o pessoal, um ambiente de disciplina opressiva, quase militar e de terror. Tudo isto aponta, em última análise, para uma "explicação" da ausência de organização autónoma e de lutas dos trabalhadores até aqui, apesar de existirem, por exemplo, casos de abaixamento arbitrário das categorias profissionais e despedimentos. No tempo da guerra colonial, o último turno (noturno) de operadores contou com uns 70% de rapazes menores que eram escandalosamente contratados temporariamente a fim de evitar o seu reemprego após o serviço militar e não ganhavam a sobretaxa legal devida pelo trabalho nocturno...

Toda esta sobreexploração desenfreada se manteve há cerca de um ano, sem provocar reacções concretas ao verificar-se um aumento das tabelas salariais. A Texas-Instrumentos deu os aumentos mas os trabalhadores sentiram que ficaram a perder porque passaram a ter de pagar (por 360\$00 mensais) o transporte casa-emprego que antes lhes era dado pela empresa a título de "regalias sociais"; aconteceu então que trabalhadores que moravam a menos de um quilómetro de distância tinham de descontar aquela verba, por faltarem os transportes colectivos naquela zona rural...

Agora que a empresa ficou

colocada de novo perante a iminência da aprovação de novas tabelas salariais, tentou novo golpe contra os não organizados trabalhadores. Desejando aumentar incessantemente a sua exploração de suor e sangue, aquela multinacional alegou dificuldades económicas e a necessidade de proceder a despedimentos (a ameaça de sabotagem económica como chantagem!) para impor individualmente aos trabalhadores a assinatura de um certo "acordo colectivo" pelo qual cada um deles declararia, ao que parece, que até 1976 não receberia mais aumentos salariais e, além de outros estratagemas, que aceitariam ser despedidos pela empresa sem justa causa!...

Dizemos "ao que parece" pois sobre tão descarado "acordo" reina uma certa confusão significativa. A empresa deu só algumas horas de prazo para os trabalhadores (quase todos menores de idade) o assinarem, no meio de ameaças, à vista de um monte de folhas de papel em branco. Só umas 15 ou 20 pessoas, recusando-se a assinar coisas às cegas, leram o texto do "acordo colectivo" proposto para assinatura — e isto porque o exigiram. A administração prometeu-lhes fotocópias mas elas não apareceram mais...

Manobra assim tão flagrante acabou finalmente por chamar as atenções gerais, gerar protestos e provocar movimentação no seio dos operários. Cerca de 100 pessoas que chegaram inadvertidamente a assinar aquela coisa começam a pedir a anulação da sua assinatura. E foi na sequência de uma reunião no passado dia 1, no sindicato dos Electricistas do Porto, aonde os trabalhadores foram em elevado número manifestar as suas apreensões (sobretudo quanto às ameaças de desemprego), que ouvimos um grupo deles para o nosso jornal. Registámos as seguintes declarações:

"A primeira chantagem, quando lá deram os "aumentos" há perto de um ano, serviu de exemplo para esta segunda. Mas os trabalhadores começaram a estar atentos... — nós estamos decididos a enfrentar a repressão! Entretanto estamos a esclarecer os camaradas menos conhecedores, uma coisa difícil porque lá só falta uma sala de torturas... Quando falamos umas com as outras, vêm logo com interrogações. Nem cá fora, à saída, podemos falar. Somos logo chamadas. Os trabalhadores têm medo, é verdade. São muito jovens e estão despolitizados. Mas quanto mais olhos "eles" pretendem ter, menos vêem. É quase como na última guerra: eles têm a espionagem e nós temos a contra-espionagem. Com diferença de minutos conse-

guimos saber o que se passa na direcção... Pelante aquele "acordo" deles, estamos nisto, já que os americanos dizem que somos setúpidos, nós contínuamos "estúpidos"... mas os americanos só são espertos para como técnicos, ganharem lá o triplo dos portugueses que fazem o mesmo que eles fazem.

Há lá um técnico que anda de linha em linha a ameaçar. Mas os trabalhadores estão decididos a pô-lo a mexer logo que possam.

O nosso ódio maior vai para o director de pessoal.

Nós não acreditamos na má situação económica ou financeira da empresa. Não acreditamos que a fechem. Pois se até dá, com tanta exploração, para pôr agora nos escritórios uma alcatifa de pele de porco e, para uma francesa, uma Jacqueline qualquer que lá esteve para não fazer nada, ir ao cabaleireiro de taxi por conta da casa!...

Quando eles viram que algumas pessoas mais esclarecidas punham

obstáculos às suas manobras, com o tal "acordo", chamaram-nas à direcção. Nas reuniões, em vez de ameaças, quiseram seduzi-las: "Se vocês quiserem... só terão a ganhar"...

No passado dia 29 surgiu uma comunicação da Direcção anunciando que tinham sido eleitos representantes dos trabalhadores — por eles mesmos!! Escolheram os "bem" comportados, é claro. Mas os "eleitos" recusaram o frete. Nós elegemos outros, com a nossa confiança, mas eles não os aceitaram, atribuindo-lhes "mau" comportamento... Tentam impor-nos à força os seus candidatos e o caso emperrou, porque o transformaram numa farsa!

Um dos "eleitos" por eles abdicou porque sentiu que não tinha apoio dos camaradas de turno. Isso motivou uma boa mobilização nesse turno.

Naquela fábrica é tudo uma farsa! Por exemplo, os processos disciplinares... Se a pessoa em causa não assina, arranjam duas

testemunhas e pronto, fica tudo a valer! Tem havido despedimentos com base até em defeitos das máquinas!

Os ritmos de produção são muito altos e, provocam conflitos entre técnicos e operadoras. Isto divide-nos.

Houve um supervisor que passou a encarregado do seu sector à custa das injustiças cometidas contra as suas operárias.

Uma produtora com três anos de microscópio fica com os olhos estragados. As condições de trabalho são lá péssimas em todos os aspectos. Quase todas as operárias já usam óculos. Mas isso não é considerado doença de trabalho...

A verdade é que, nos Estados Unidos, fábricas destas são obrigadas por lei a dar aos operários um seguro contra a cegueira. Por isso os capitalistas as trazem para Portugal. Pois se até moças em adiantado estado de gravidez continuam a trabalhar ao microscópio, em zonas quentes, etc. l...

SORETRI

— O patrão Trigo diz que só vem à fábrica armado com uma metralhadora... Está agora no café, na companhia de "amarelos" que conseguiu pôr do lado dele, a pensar decerto na maneira como há-de cumprir à sua ameaça de não nos pagar este mês de Fevereiro!

Estas palavras são de uma trabalhadora da fábrica pertencente à firma Sousa Rêis e Trigo, lda (SORETRI), do Rio Tinto, nos arredores do Porto. A firma, produtora de objectos decorativos (em plástico, marfinita, alumínio, etc.) emprega 120 pessoas. Mais de metade do total são mulheres e um tempo, pelo menos, são menores de idade. A greve, com ocupação da fábrica, iniciou-se no dia 14 de Fevereiro e tem o apoio de 70 trabalhadores. Os restantes são "amarelos" — encarregados, administrativos e operários. No entanto, as tentativas de sabotagem da greve esbarram sempre na firme e consciente vontade da maioria. O escritório está fechado e a laboração paralisada.

Um trabalhador continuou:

— O que o patrão queria com certeza era que o governador civil do Porto mandasse para cá outra vez dezoito piquetes da GNR, como aconteceu com a nossa primeira greve de 10 de Outubro passado, que serviu para exigir o pagamento do salário mínimo nacional. Nessa altura até pareceu que havia aqui mais gente da GNR que trabalhadores! Mas apesar de termos tido vinte "amarelos" dessa

vez, conseguimos uma vitória completa.

— Esta luta actual é uma continuação da primeira greve?

— Sim. Desde então, os problemas nunca mais deixaram de surgir entre nós e os patrões. Os encarregados criavam mau ambiente. Mas nós que não estávamos ainda organizados na altura da primeira greve, tratámos logo de criar uma Comissão Sindical Operária. Assim, devido ao despedimento de um camarada de menor idade, preparámos um caderno reivindicativo (de melhores condições gerais de trabalho) e exigimos a readmissão do camarada despedido. Os patrões impuseram-nos, em contrapartida, a aceitação de um encarregado que tínhamos saneado. E nós entrámos em greve.

Outro trabalhador;

— Entrámos em greve depois de os patrões levarem daqui carros, rouletes, um barco e mercadoria produzida. Mas nós já estávamos organizados e vigilantes. Descobrimos todas essas manobras e, numa certa noite, descobrimos também um familiar dos patrões escondido na fábrica, já se sabe com que intenções... Conseguimos recuperar uma furgoneta carregada com produção tirada daqui no valor de duzentos contos e que está em nosso poder. Conseguimos denunciar falta de facturação e falta de certos documentos do escritório, além de outras manobras e tentativas de divisionismo e intimidação dos grevistas.

Uma trabalhadora:

— Agora os funcionários do escritório até trabalham em casa do patrão Trigo... Mas nem por isso podemos receber os abonos de família atrasados...

— Quantos sindicatos abrangem esta fábrica?

— Sete, pelo menos. É uma coisa que vem do fascismo, isto de separar os trabalhadores do mesmo sítio por mais de um sindicato...

— Em que condições salariais trabalham os menores de idade?

— Aqui os menores têm de dar o mesmo rendimento de um adulto e só ganham perto de 50\$00 por dia, em média.

— Qual o futuro que prevêem para a vossa luta?

— Não fazemos previsões. Só sabemos uma coisa: lutamos e lutaremos até chegarmos à vitória final.

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**

CANIÇAL: Vida e luta dos pescadores

Estamos no Caniçal numa triste vila piscatória, dista da cidade do Funchal apenas 40 kms e cerca de 2000 habitantes que na sua quase maioria vivem da pesca. Muitos porém emigraram fugindo às mais baixas condições de sobrevivência.

Tem apenas um fontenário na zona central do povoado, uma única escola primária, e a maioria das casas não têm electricidade por os seus moradores não terem posses para tal despesa.

Muitas casas compõem-se apenas dum único quarto que serve para tudo — cozinha e dormitório, contendo por vezes incrivelmente arrumados mais de uma dezena de pessoas. As doenças provenientes da sua alimentação grassam todos os anos. A mortandade infantil é excessivamente elevada e falta de condições higiénicas transcendem o que se possa imaginar. Quando não há peixe suficiente o que sucede muitos anos consecutivos, os pescadores compram fiado nas vendas. Então os poucos, vendedores, espécie de pequenos capitalistas exploradores levam mais caro pelos alimentos fiados.

Por outro lado, a empresa capitalista que lhes compra a grande quantidade de peixe, a Somagel (que segundo se afirma teve intimas relações financeiras com o famigerado Tenreiro) compra-lhes o peixe sempre ao mesmo baixo preço, haja pouco ou muito, para depois o vender a preços exorbitantes nos mercados locais.

Estes trabalhadores da classe piscatória do Caniçal, encontram-se à mercê sem qualquer protecção, da exploração desenfreada das empresas e empresários capitalistas.

Há empresários capitalistas, instalados na cidade do Funchal que, como donos de barcos, recebem 50% limpos total de peixe pescado à custa do esforço do pescador, tendo este contudo que descontar ainda para as despesas, enquanto o explorador capitalista espera que lhe levem de mão beijada o produto do suor do seu trabalho.

— Tenho 82 anos vivo da reforma que são 250\$00. Trabalhei na pesca perto de 60 anos. **NESSA ALTURA CHEGAVA A GANHAR \$500 POR ANO.**

Os depoimentos que reproduzimos do Sr. Manuel — 82 anos — do Sr. João — 30 anos e do Alberto — 16 anos, demonstram a uniformidade dos problemas com que as três gerações se deparam: o fascismo faz sempre que se pense que não há nenhuma hipótese de algum dia as coisas mudarem.

A pesca é a única forma de sobrevivência para os que, independentemente da sua idade, não emigraram.

REVOLUÇÃO: Com que idade começou a trabalhar?

Comecei a pescar aos 15 anos, ganho conforme a quantidade de peixe que conseguimos pescar, e desse dinheiro desconto 20% para a Capitania e ainda tenho de pagar 250\$00 para a casa.

Um quarto que também é a cozinha, não temos casa de banho, quem quiser cagar tem de ir ao calham...

REVOLUÇÃO: Vocês têm médico cá no Caniçal?

Não, o médico mais próximo fica a 6 kms; vem cá três vezes por semana e só atende 20 pessoas de cada vez. Quando estamos muito

apertados e não há médico cá em baixo, vamos para o Hospital "que fica na cidade".

REVOLUÇÃO: E tu que és o mais novo, quantos anos tens?

Tenho 16 anos e a quarta classe. **REVOLUÇÃO:** Como é que os pescadores são contratados?

Existem fundamentalmente dois tipos de contratos entre os pescadores e os donos dos barcos: 50% do peixe apanhado é para os donos do barco, a outra metade é dividida igualmente pelos pescadores; no outro existe um preço fixo por cada quilo apanhado e em qualquer dos casos o contrato é oral.

Além dos pescadores que trabalham em barcos cujos proprietários residem no Funchal (por exemplo a Somagel) há um grupo de pescadores que funciona em regime de autogestão. Dois irmãos compraram o barco há dois anos por 500 contos, e arranjaram 15 pescadores. Pagam conforme a pesca, retirando para si, além da parte que lhes cabe como pescadores, uma outra parte para

pagar óleos, máquinas, impostos, etc.

Se o ano dá muito lucro, distribuem no Natal uma gratificação a todos os pescadores.

Esta forma de associação de pescadores representa, de certo modo, um avanço da luta dos pescadores contra a exploração de que são vítimas pelas empresas e pelos indivíduos proprietários dos barcos. Apesar de ser uma maneira isolada e primária de resolver os problemas, a solução por eles apresentada, por estar muito perto de uma autogestão, pode ser um factor que impulse uma maior tomada de consciência revolucionária por parte do resto da população piscatória. No entanto para além de um certo conformismo raciocinativo com que a maior parte dos pescadores vêem os seus problemas, e analisam os seus problemas, o isolamento político a que foram votados fez com que não se conheça até hoje qualquer luta reivindicativa — "nunca houve qualquer greve" ou mesmo qualquer movimentação política.

VIVER SEM PATRÕES

A firma Viegas, Martins e Freitas com 20 anos de existência proprietária das recauchutagens "Triunfo e Vitória" as maiores da Madeira, tentou despedir os 40 trabalhadores das 3 secções dispersas.

O patrão já há alguns dias ameaçava abrir falência, pretendendo à boa maneira fascista, aumentar a miséria a mais de uma centena de famílias.

Os trabalhadores após alguns dias de instabilidade, que os fazia sentir ficar à beira do desemprego, resolveram em assembleia geral serem os próprios a gerir a firma.

Sem patrões, os operários das recauchutagens "Triunfo e Vitória" trabalham unidos revolucionariamente, demonstrando assim a todos os trabalhadores que não é com patrões que se vive.

Revolução — Qual foi o motivo desta ocupação?

Operário — O patrão andava com ameaças de abrir falência, e nós não podíamos mais com este modo de trabalhar.

Revolução — Como se processa esta luta?

Operário — Fizemos uma circular para as 3 oficinas a marcar uma assembleia para todos os trabalhadores. Elegemos uma comissão de 5 elementos e fizemos um caderno reivindicativo.

Revolução — Em que constam as reivindicações?

Operário — O primeiro ponto do

nosso caderno, era o saneamento a curto prazo de três pessoas indesejáveis.

Revolução — Quais eram essas pessoas e as funções?

Operário — Um ex-sócio da firma, ligada a determinados problemas financeiros, afastava numerosos e bons clientes; o outro é praticista cunhado do ex-sócio e dos actuais, usando em seu proveito quantias recebidas dos clientes; o terceiro é também pelas mesmas razões.

Nós entendemos que só com o saneamento destes três "mamões" é que a firma poderá recuperar numerosos clientes, cuja falta tem sido desastrosa para a segurança e estabilidade económica e financeira.

Revolução — Qual era o outro ponto do caderno?

Operário — Condições higiénicas (sanitários, balneários, cacifés e refeitório). Não temos qualquer condição higiénica na firma: o sanitário é uma autentica pocilga; há um único duche para 30 pessoas desta secção; os cacifés não têm qualquer cabide para pendurar o fato que é colocado num prego; os ratos andam por todos os lados, espreitando as malas dos almoços dos menos prevenidos; o refeitório é um pequeno compartimento, sem qualquer aquecimento, composto por uma tábua que serve de mesa; não temos fogão para o aquecimento das refeições, nem

Guimarães SOUSABREU

Completaram-se no passado dia 16 de Fevereiro, cinco meses de autogestão na SOUSABREU, fábrica têxtil em Guimarães. O processo desencadeou-se na sequência duma fraudulenta falência provocada pelo patrão.

— Ao patrão já não interessava esta fábrica, porque as máquinas são antiquadas e preferiu por isso montar outra mais moderna, não se importando de nos lançar no desemprego. Ele dizia que não tinha dinheiro, mas montou logo uma fábrica nova, para a qual roubou daqui os melhores materiais. A única coisa que lhes interessa é o máximo lucro. No dia 11 de Setembro depois de uma série de manobras o patrão tentou

piria nem luz porque o patrão entendia que não era preciso substituir lâmpadas.

Revolução — Qual é o vosso sistema de segurança, para que as pessoas saneadas não voltem à firma?

Operário — Nós organizámos piquetes de segurança para que esses exploradores não tentem tirar um direito que é nosso, fazendo ver a todos os exploradores capitalistas que o poder do operário é maior que o do capital.

Entrevista conduzida pelo núcleo regional do P.R.P. — B.R. da Madeira

fechar a fábrica. Como ocupámos imediatamente as instalações, a PSP compareceu tentando expulsar-nos, mas logo desistiu porque explicámos as nossas razões. Cinco dias depois começámos a trabalhar por nossa própria conta. Tivemos muitas dificuldades mas fomos logo apoiados por camaradas de outras fábricas. Conseguimos quem nos fornecesse algodão e ajudaram-nos a vender o que produzimos. Os nossos produtos chegam até Coimbra. Entretanto tentámos divulgar a nossa luta o mais possível, e para isso fizemos um comício de informação para camaradas de outras empresas.

Rev. — Que resultados obtiveram neste regime de autogestão?

— Mesmo com máquinas a cair de velhas, aumentámos a produção porque não nos sentimos explorados. O que fazemos, ganhamos, corremos com o patrão e duplicamos o salário. Eu que ganhava 66\$00 por dia, agora estou com 127\$00. Qualquer problema é resolvido por todos os operários. Estamos a trabalhar com coragem pois tudo ajuda e no tempo do patrão trabalhávamos e ele que ganhava. Nem sequer descontava para o fundo de desemprego nem para a Caixa e somos nós que temos de o fazer agora.

Rev. — Existe alguma Comissão de Trabalhadores?

— Sim, quando começámos a luta elegemos logo em Assembleia Geral uma Comissão de Trabalhadores com 3 homens e 3 mulheres.

Rev. — Quais as vossas perspectivas de continuação do trabalho?

— A fábrica vai a leilão em Março porque os credores querem fechá-la. Gostaríamos que o Sindicato a comprasse ou então se o preço não for muito alto tentaremos comprá-la nós e transformá-la numa Cooperativa. No caso de algum capitalista a comprar, terá de assinar um documento que nos garanta o trabalho, porque o 25 de Abril mudou carás mas não mudou leis. A situação actual é muito incerta e nós até podíamos admitir pessoal porque temos teares parados.

**UMA SÓ SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS**

Revolução

Composição e Impressão - Miranda & C.ª - Lisboa - Internacional

COMUNICADO À POPULAÇÃO

Tal como dissemos em comunicado anterior lido na rádio do dia de ontem, consideramos que se assistiu a uma séria tentativa de golpe da reacção, devido a um arrastar de um estado de coisas que permite que a burguesia se organize.

O golpe militar falhou rapidamente, porque várias Unidades que a reacção contava do seu lado não estiveram; e não trouxe como consequência combates fratricidas, porque os soldados para-quadristas perceberam que tinham sido enganados e renderam-se no RAL I. Estes factos são consequência da politização e organização das Forças Armadas no decorrer do processo que se seguiu ao 25 de Abril, politização e organização com que não contaram os reacçãoários, habituados a fazer uma análise puramente militar e não política.

O bombardeamento do RAL I visava atingir uma unidade fundamental, não só pela sua importância em relação ao Copcon, mas também pelo espírito revolucionário que tem demonstrado na prática pondo-se ao lado dos trabalhadores em luta.

Assim tentaram os reacçãoários travar o processo que conduzirá à perda dos seus privilégios. À cabeça da reacção estiveram alguns daqueles homens que logo após o 25 de Abril o PRP-BR denunciou como fascistas, atitude que nessa altura era acusada de provocação — Spínola, Galvão de Melo e outros oficiais que se escondiam sob a capa do MFA.

Ontem como hoje nós dizemos que dentro do MFA e dentro das Forças Armadas há homens revolucionários e homens da reacção e que é necessário separar o trigo do joio sem meter tudo demagogicamente dentro do mesmo saco.

A situação actual, que permitiu o golpe da reacção é devido a um arrastar do estado de coisas em que sob o pretexto da democracia a direita se organiza. A existência de partidos como o CDS, PPD, o PDC e forças militarizadas como a PSP e a GNR são um perigo constante e progressivo. Enquanto persistir o capitalismo, que aqui se encontra em crise agudíssima, continuará o perigo do fascismo.

Chegou o momento dos trabalhadores encontrarem formas de organização e de coordenação a nível nacional para a conquista e tomada do poder. E só os trabalhadores armados, juntamente com os soldados e os oficiais revolucionários poderão conquistar o poder para a implantação do socialismo. De novo dizemos que há uma só solução: REVOLUÇÃO SOCIALISTA.

Esse é o caminho. E não o eleitoralismo em espírito de democracia burguesa, desviando os trabalhadores da sua luta principal. As eleições não resolvem nenhum problema. NÃO AS ELEIÇÕES.

TAREFAS IMEDIATAS DO PROLETARIADO:

- 1 — Reunião em assembleia de empresas permanente.
- 2 — Consolidação e coordenação das comissões de trabalhadores eleitas.
- 3 — Organização e conjugação dos militares revolucionários e dos civis armados.
- 4 — Ocupação das empresas.

OBJECTIVOS IMEDIATAS

- 1 — Nacionalização e socialização dos grandes meios de produção — fábricas campos, bancos seguros, comércio externo e grandes meios de comércio interno.
- 2 — Dissolução do actual poder legislativo e executivo e sua substituição por órgãos de poder emanados pelos trabalhadores e por eles eleitos.
- 3 — Afastamento de todos os militares reacçãoários e formação de um exército revolucionário com militares e civis.

ABAIXO A REACÇÃO

MORTE AO FASCISMO

MORTE AO CAPITALISMO REVOLUÇÃO SOCIALISTA.

Secretariado Político
do
PRP-BR

12/3/75

NOMES IMPLICADOS NO GOLPE DA REACÇÃO

Spínola
Rui Tavares Monteiro
Freire Damião
Guilherme Calvão
Durval Serrano de Almeida
Paulo Costa Santos
António Ramos
Neto Portugal
Capitão Arantes de Oliveira
Rosa Garoupa
Simas
Moura dos Santos
Rafael Durão.
Espadinha Milreu
Valério da Silva
Lopez Mateus
Almeida Coelho
Carlos Alves
Antero Rebelo
Oliveira Santos
Martiniano Gonçalves
Simões Pereira
Canavarro
Tenente Barros
8 membros da Família Espírito
Santo

FUGA

Fugiram para Espanha três helicópteros com 18 oficiais entre os quais Spínola, que pediu asilo político ao Brasil.

GALVÃO DE MELO

Está preso no R.I. 14 em Viseu.

CARROS SUSPEITOS

Transportam armas e fazem-se passar por elementos das Forças Armadas: FL 91-36, GH 32-30, LG 97-57, BB 53-33, BE 85-51, EG 59-52, CD 78-75, PP 75-33, MP 57-33, II 47-41, BA 85-86, HM 15-58, EB 90-92, ED 96-12, BM 13-85, BA 28-25, FF 76-82, FL 28-02, GG 97-18, PP 5-7-33, II 90-99, BU 19-85, FI 32-30, FI 15-88, GD 40-41, HA 68-25, BM 47-41.

COMUNICADO DO R. A. L. 1

A TODOS OS SOLDADOS E MARINHEIROS, CAMPONESES E OPERÁRIOS, A TODOS OS MILITARES ANTIFASCISTAS E DEMOCRATAS. A TODO O POVO,

O criminoso atentado fascista desferido esta manhã sobre os soldados e todos os militares do RAL I, vem demonstrar que não são os saneamentos nem as passagens à reserva que detêm os oficiais fascistas e reacçãoários a soldo dos capitalistas e imperialistas, de prepararem a contra-revolução, para esmagarem em sangue o movimento popular revolucionário.

Camaradas, o criminoso ataque fascista ao RAL I, insere-se sobre a repressão que se tem abatido sobre a classe operária e o povo português, ataques esses que se traduzem pelo desemprego, pela fome e pela miséria a que nos querem continuar a submeter os capitalistas e os seus lacaios.

Camaradas, enquanto os pides continuam a ser tratados meigamente (quando não andam à solta), enquanto os partidos fascistas continuam a existir legalmente, enquanto o povo é alvejado e tiro em Setúbal, enquanto os soldados e todos os militares lutam contra a repressão fascista nos quartéis são presos, enquanto os partidos burgueses falsos defensores do povo organizam carnavais, o povo continua debaixo da mais feroz exploração e opressão.

Mas camaradas, os soldados são filhos do povo. Os soldados e todos os militares antifascistas saberão sempre virar as armas contra a burguesia e contra os oficiais fascistas e reacçãoários e põ-las ao lado do povo.

Camaradas, os soldados e todos os militares do RAL I que até aqui têm lutado contra o fascismo e os seus encobridores, continuarão e agora com mais força essa luta contra os exploradores e opressores.

Para todos os fascistas e todos os seus encobridores exigimos o seu fuzilamento imediato, sejam militares ou não, gerais ou não.

MORTE AO FASCISMO!
JUSTIÇA POPULAR!
IMPERIALISTAS FORA DE PORTUGAL!
FUSILAMENTO IMEDIATO
DE TODOS OS FASCISTAS!

OS SOLDADOS SÃO FILHOS DO POVO!

Os Soldados e todos os militares do RAL I bombardeados hoje pelos fascistas. Encarnação, 11-3-75

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
MORADA
LOCALIDADE
PROFISSÃO

ASSINATURA: Semestral — 80000
Anual — 120000

PAGAMENTO: Em cheque
Em Vale